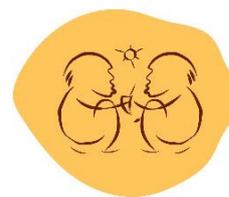


Francis Bacon Subversivo



Pedro de Alcântara Figueira¹

Estudar Bacon é falar da vida de um pensador que afirmou, em uma de suas obras, que “o tempo é o autor dos autores”². O “tempo” foi, nas formulações teóricas de Bacon, talvez o marco mais importante para se entender o significado geral do seu pensamento.

Uma das formulações fundamentais de Bacon é o que ele chama de “ciência ativa”. Bacon não chegou a ela por nenhum caminho misterioso, desses que saem da cabeça de alguém e que leva muita gente a chamar o contemplado de gênio. Não foi, também, por obra do acaso ou de alguma qualidade inata que colocaria seu autor acima dos homens normais. Na história dos homens que propuseram desafios à humanidade, nada acontece por obra e graça de alguma coisa que não possa ser explicada com relativa facilidade. Este conceito de “ciência ativa” não foge a esta regra.

Vamos tentar explicá-lo da maneira mais simples e direta possível. Chama a atenção o fato de que Bacon tenha agregado à palavra ciência um adjetivo, “ativa”. Estamos acostumados, quando se fala de ciência, a ouvir apenas adjetivos como “histórica”, “humana”, “física”, “médica”, etc. Este adjetivo “ativa”, aqui acrescentado a ciência, quer dizer muita coisa. De certo modo, ele é mais importante que o substantivo ciência. Ou poderíamos dizer, ele é mais substantivo do que ciência. Ele denota uma intenção em Bacon que precisa ser entendida para que ele não passe despercebido como algo de pouca ou nenhuma importância. Colocado neste lugar, fazendo par com a palavra ciência, “ativa” é um termo subversivo. Seu autor também foi um subversivo no terreno da ciência, é o que vemos, aqui, ao atribuir maior importância ao adjetivo “ativa” do que ao substantivo “ciência”. De Bacon não se poderia esperar outra coisa.

¹ Doutor em História pela UNESP, campus de Assis. Professor aposentado da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar

² “Assim pois, para concluir este ponto, não direi mais senão que se dê aos grandes autores o que lhes corresponde, sempre que com isto não se prive ao tempo, que é o autor dos autores, do que por sua vez lhe corresponde, que é o ir desvelando progressivamente a verdade”. (BACON, 2007, p. 56).

Façamos um exercício puramente lógico para começar a entender o que pretendia Bacon. Ele próprio não deixou explicitamente dito que a sua ciência ativa se opunha à ciência inativa, ou inútil, como queira. Mas não fez outra coisa, senão não teria chegado a um tal conceito. É evidente que, se existe uma ciência inútil, Bacon muito provavelmente nem a considerava ciência. A inutilidade, isto vamos ver no decorrer deste escrito, é o critério que Bacon usava para determinar a existência real do que quer que seja.

É preciso que deixemos bem claro o seguinte: regra geral as classificações com que se rotula Bacon, Descartes e muitos outros representam um verdadeiro desastre na hora que queremos saber o que estes, e centenas de outros cientistas, fizeram. Não há nada pior do que chamar Bacon de empirista ou experimentalista e Descartes de racionalista. Estes rótulos não querem dizer nada. Se o mundo dependesse das experiências de Bacon e da razão de Descartes estava roubado. Mas é verdade que ambos afirmaram categoricamente que o saber só tinha validade se resultasse da experiência. Mas, de quantos “mas” vamos precisar para desmontar as idiotices que inventaram sobre os grandes pensadores!?

Desafio qualquer rotulador que leia uma qualquer obra de Bacon e lá encontre sustentação para chamá-lo de empírico. Essa história de experimentalista e racionalista são essas asneiras que vêm rolando sei-lá-há-quanto-tempo e que, tendo recebido a chancela das mais renomadas universidades da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos e quantas mais, se tornaram verdadeiras e em que ninguém pode mexer.

Mas, então, por que se dizia na época em que viveram Bacon, Descartes, Galileu e uma multidão de indivíduos que desconfiavam do saber existente, que somente pela experiência se poderia verificar e estabelecer a veracidade de qualquer coisa? É muito, muito simples a resposta a esta pergunta. Os que viveram nessa época e não se satisfaziam com as explicações dadas sobretudo pela igreja católica aos fenômenos naturais, mas não só, chegaram à conclusão, depois de muita luta, de muito esforço, de correr risco de vida, de ser queimado pelo tribunal da inquisição e outras ameaças à vida, que era preciso mostrar - e as experiências com as navegações foram um ponto crucial da questão - que para afirmar algo a respeito de qualquer coisa não bastava recorrer a princípios gerais, geralmente religiosos, mas partir da utilidade disto ou daquilo para se determinar o que a coisa era. Era uma verdadeira revolução o que esses homens, subversivos aos olhos das autoridades feudais e eclesiásticas, estavam praticando.

Argumentaram, também, que sem a prática era impossível afirmar qualquer coisa sobre o que quer que fosse. Uma forte dose de astúcia entrou neste argumento. Um alerta importante: ao falar de prática não tomemos esta palavra como algo consabido.

No caso daqueles que viveram neste período histórico em que Bacon foi figura de proa, falar de prática é algo que encerra um conteúdo histórico muito importante. Senão vejamos. Prática era uma palavra, ou conceito, que servia para distinguir aquilo que os que contestavam as verdades estabelecidas afirmavam que faziam e que era seu ponto de partida para chegar às verdades. Como dissemos acima, as navegações ocorriam sempre àqueles que assim procediam quando se tratava de demonstrar que, sem a prática, ou seja, sem navegar, não se podia falar de um monte de coisas que navegando se descobria a todo momento. Mas, algo mais estava contido nesse conceito, e era a grande, tremenda diferença entre o que a Idade Média fez e os novos tempos começavam a fazer. Não foi por acaso que iniciei este texto falando de um autor que tinha afirmado que “o tempo é o autor dos autores”. Neste conceito de prática se encerra, na verdade, toda uma discussão entre duas épocas históricas. Isto só pode acontecer quando uma delas, a que não consegue mais dar respostas práticas às questões da vida, começa a ceder lugar a outros tempos, que normalmente chamamos de novos. O confronto que se estabelece nesta situação explica muita coisa, explica porque um autor, no caso Bacon, faz afirmações esclarecedoras como esta que acabei de mencionar.

Afirmei que havia muito de astúcia nos argumentos dos que foram levados a romper com a velha sabedoria e colocar no seu lugar a prática, ou seja, a vida movida por ações condenáveis aos olhos das antigas instituições. O que se continha frequentemente numa simples atividade era algo capaz de pôr em causa tudo o que se afirmava como verdade indiscutível. A defesa das instituições existentes havia se convertido em algo de tal maneira intocável que corria perigo quem afirmasse mínimas discordâncias. A astúcia reside exatamente aí, ou seja, ao invés de contrapor uma afirmação a outra, se dizia que bastava ver, tocar, cheirar, ouvir para pôr em dúvida o *credo quia absurdum*, isto é, não apresentar fundamentos para aquilo que se afirma. Os navegadores fizeram e viram coisas do arco da velha. Por isso, as navegações se tornaram um repertório infinito de experiências que contrariavam quase tudo que a sabedoria medieval tinha como divino e inabalável. Mas, mais do que o simples fato de navegar, o que isto implicava de mudanças na ordem social pôs em marcha necessidades jamais antes suspeitadas.

Uma das primeiras e mais importantes foi a necessidade de convencer milhares de pessoas que se podia fazer algo diferente daquilo que pregavam as velhas instituições e, muito ao contrário de assim incorrer em erros, era assim que se fazia o que era correto. O suposto disso era que as ações marcadas com o sinal social medieval já não atendiam mais ao mundo prático. Ou seja, a história estava mudando e muita coisa já havia mudado. Tantas eram as mudanças, tantas eram as coisas que começavam a mostrar uma cara nova

que era impossível que indivíduos oriundos das mais diferentes classes, dos mais diferentes meios políticos e culturais, das mais diferentes profissões, até mesmo eclesiásticas, ligados às mais diferentes crenças não sentissem o ímpeto irresistível de se expressar em consonância com elas. Os nomes desses indivíduos, pelo menos daqueles que mais se destacaram, a história registrou. São eles: Copérnico, Giordano Bruno, Kepler, Galileu, Bacon, Descartes. Estes, e uma multidão de outros mais, foram os filhos das transformações que ocorreram num período em que as mudanças são a única coisa constante.

E quando a história assim se apresenta, não existem caminhos juncados de flores para se chegar aos termos que correspondem às novas necessidades. Formular, portanto, o que a nova época histórica estava pedindo não foi tarefa nada fácil. Muito pelo contrário, muitos foram os combatentes - e lembro aqui Giordano Bruno apenas como símbolo de tudo o que esta época significou - que ficaram pelo caminho. Costuma-se amenizar a tarefa divina da Santa Inquisição, braço repressor da igreja católica, dizendo-se que esta instituição tratou multidão de pensadores com intolerância. Intolerância, no caso, é apenas uma pequeníssima parte da verdade do que se fez nesta época eliminando - usando os argumentos irresistíveis das brasas, como bem lembrou Locke - milhares de indivíduos que trabalhavam para aperfeiçoar o mundo dos homens. Quantas destas tentativas foram frustradas, esquecidas para sempre, ou simplesmente ignoradas é uma história da ciência que ainda falta contar. Se precisamos de séculos para chegar ao que Giordano Bruno já havia revelado com extrema profundidade e simplicidade, não devemos olhar tal miséria humana como prova de que a verdade tarda, mas não falha. Tardar é, muitas vezes, tão grave quanto falhar. Façamos apenas uma suposição: se existisse, então, uma força política capaz de se opor aos atos terroristas da Santa Inquisição, muito provavelmente as conclusões daquele lutador teriam desencadeado descobertas e invenções que não permitiriam a sobrevivência da "intolerância". Não me acusem de recorrer ao "se" como se eu estivesse praticando uma heresia altamente condenável. O que supus como possibilidade de fato existiu. Se a Santa Inquisição não tivesse já sido banida da Inglaterra, os Bacon e Newton muito provavelmente teriam tido o destino de Giordano Bruno. Ou, para salvar a pele, teriam feito como muitos que, como Copérnico, não revelaram o que estavam fazendo.

As verdades que dependem de muita luta para se imporem, dependem de mudanças na ordem social. Foram essas mudanças que permitiram que as novas verdades se tornassem aceitáveis. Isto não significa que muitas delas não tenham sido derrotadas e sepultadas. Muitos acordos espúrios foram celebrados entre os contendores e a

humanidade pagou um preço alto por eles. É isto que explica porque Portugal e Espanha, que lançaram milhares de navios, multidões de marinheiros e incontáveis capitães numa empreitada nunca antes imaginada e que inauguraram um mundo novo, ficaram apenas a ver navios. A derrota histórica desses países jamais poderá justificar o “antes tarde do que nunca”, até porque os portugueses e espanhóis que viveram nos séculos do “nunca” nunca puderam se beneficiar do otimismo que essa expressão contém. Para eles o “nunca” ficou eterno.

Para fugir à repressão da igreja católica e das autoridades feudais não foram poucas as artimanhas a que recorreram os cientistas dessa época. A história de Galileu é tão rica delas que até parece história de suspense. Pode ser.

As vitórias da monarquia inglesa contra os repressores permitiram a Bacon viver uma outra história, que merece ser contada. Descartes teve que fugir para a Holanda, país da liberdade, como ele se expressou.

Desafio qualquer intérprete a explicar a frase com que Bacon inicia o seu **Novum Organum** sem recorrer ao confronto que aí está expresso entre duas civilizações que o tempo torna incompatíveis sob todos os aspectos. Este HOMEM de Bacon é o personagem que se opõe à ideologia religiosa medieval e que substitui Deus, tornando-se o poderoso ser que é capaz de realizar façanhas jamais imaginadas, pois ele se tornou o Senhor incontestado. Toda a guerra que a época que começa a florescer faz contra a decadente Idade Média aí se encontra de corpo inteiro.

Bacon nasceu em 1561 e morreu em 1626. Sua vida confunde-se, em grande medida, com os primeiros passos na formação de uma nação poderosa. Os embates políticos, religiosos e ideológicos desse momento encontram-se, enquanto teoria científica, em todos os seus escritos. Seria deveras impossível separar uma coisa da outra. É tão impossível separar uma coisa da outra que os próprios termos com os quais Bacon constrói sua teoria só fazem sentido quando referidos ao contexto social inglês e às lutas que se travavam por todo o continente europeu. Sem a situação concreta em que as velhas instituições feudais davam sinais irreversíveis de fraqueza, mas tentavam contaminar a todos com seus miasmas, sem esta situação seria impossível entender as formulações científicas de Bacon.

A resposta de Bacon a esse estado de coisas é muito simples. Ele levanta a bandeira da *utilidade* como critério de avaliação da própria razão de existir. O que não atende a este requisito não justifica sua existência. O conceito de utilidade refere-se às coisas práticas da vida, ao cotidiano de todas as pessoas, mas tem também um alcance

mais geral. É este, propriamente, que fornece os fundamentos para a construção do edifício teórico de Bacon e que serve de base à crítica às instituições feudais. Esta crítica se confunde com aquela que, na prática, isto é, historicamente, estava sendo feita pelas forças burguesas que emergiam no cenário econômico e político inglês.

Ou seja, a ciência ativa de Bacon corresponde às atividades práticas desenvolvidas por uma nação europeia que emergia forte em sua luta contra a feudalidade. Portanto, ela está impregnada pela história que Bacon vive intensamente, ou seja, da qual participa com seus escritos para demonstrar que a vida precisava obedecer a outros requisitos.

Para concluir, uma passagem em que Bacon resume seu propósito de instauração de uma nova ciência:

Quanto ao acervo dos dados, porém, estamos fazendo não só uma investigação da natureza livre e solta (a saber, quando ela espontaneamente flui e completa sua obra), como é a investigação dos corpos celestes, dos fenômenos meteorológicos, da terra e do mar, dos minerais, das plantas, dos animais, mas muito mais da natureza apertada e atormentada, isto é, quando por meio da arte e do trabalho humano é retirada do seu estado, é pressionada e moldada. Assim registramos (tanto quanto pudemos pesquisar e diz respeito aos nossos fins) todos os experimentos das Artes Mecânicas, todos os da parte operativa das Artes Liberais, todos os das muito numerosas práticas que ainda não se firmaram numa arte particular. E além disso (para dizer com clareza do que se trata), sem nos atrasarmos em nada com a altivez dos homens e com ornamentos, colocamos nesta parte muito mais esforço e recursos do que naquela outra, já que a natureza das coisas se revela mais por meio das agitações impostas pela arte do que na sua liberdade própria. (BACON, 2015, p. 41-42).

Referências

BACON, Francis. **A grande restauração**: Textos introdutórios e A escada do entendimento. Organização, tradução e notas de Alessandro Rolim de Moura e Luiz A. A. Eva. Curitiba, PR: Segesta, 2015.

BACON, Francis. **O progresso do conhecimento**. Trad., apresentação e notas de Raul Fiker. São Paulo: Ed. Unesp. 2007.

